



184 No aeroporto, violência e algumas prisões

Em Congonhas, correria e tentativa de invasão da pista

A tranquilidade atrás dos cordões de isolamento na área do aeroporto de Congonhas começou a terminar depois das 10h30. Sabendo que o carro de bombeiros que conduzia o corpo de Tancredo Neves estava chegando, as pessoas passaram a procurar um lugar melhor para não perder nada. O policiamento foi reforçado pela tropa de choque da PM, mas a multidão avançava sempre um pouco mais. Na frente da ala internacional, algumas pessoas derrubaram o tapume de um prédio em reforma do outro lado da avenida e o invadiram, ocupando as janelas e sacadas.

As 11h30, o cortejo chegou perto da praça Comandante Lineu Gomes. Ouviu-se a primeira salva da Artilharia, seguida do primeiro dos 21 tiros de obus em saudação ao presidente morto. Foi o que bastou para agitar a multidão, que queria entrar na pista do aeroporto junto com a comitiva. Os soldados da PM e da Aeronáutica formaram uma barreira, permitindo apenas a passagem da comitiva oficial.

Nesse momento, a avenida Washington Luís já estava completamente tomada naquela região e a população se comprimia até o viaduto sobre a Bandeirantes. Lenços brancos e cartazes com a fotografia de Tancredo foram acenados quando o carro de bombeiros estacionou perto da escada do Boeing da FAB. Fora, muitos gritavam frases como "Queremos a verdade", referindo-se aos boatos que se espalharam nos últimos dias, de que Tancredo não tinha problemas com infecção e sim havia sido ferido com um tiro. Das janelas do prédio onde funciona a sede do Sindicato dos Aeroviários vinha o som do Hino Nacional, tocado numa vitrola e logo acompanhado pelas pessoas na rua.

A correria continuou com a chegada daqueles que estavam acompanhando a pé o cortejo. Um soldado da Polícia Militar socorreu uma moça que passava mal, levando-a para a ambulância da Infraero. Mesmo as-



O BRASIL SEM TANCREDO

sim, ninguém recuou, esforçando-se para ver o embarque do caixão onde estava o corpo de Tancredo.

De longe, a multidão viu o esquife ser retirado do carro de bombeiros e transportado para a parte da frente do avião por seis soldados, da Marinha, Exército e Aeronáutica. A família subiu em seguida. Dona Risoleta tinha a seu lado o governador Franco Montoro e o cardeal d. Paulo Evaristo Arns. Depois do último adeus de dona Risoleta, as portas foram fechadas e o avião decolou para Brasília.

Aos poucos, começou a retirada na frente do aeroporto. Mesmo assim, voltou a haver confusão, agora entre manifestantes e a polícia. Algumas pedras foram atiradas contra os soldados e um grupo avançou contra a PM. Ouvindo-se um tiro, todos correram. Mais tarde os manifestantes atacaram novamente os policiais, que pediram reforço à tropa de choque. Novas pedras foram jogadas, quebrando vidros do portão 2 da ala internacional. Os PMs prenderam algumas pessoas, acusando-as de terem provocado a confusão e de serem membros da Convergência Socialista.

Três caminhões da tropa de choque da PM apareceram às 12h45, quando a situação já estava controlada pelo policiamento normal. Dentro do aeroporto, o clima ainda era tenso. Muitos passageiros perderam os vôos, porque os funcionários das companhias aéreas ficaram assustados e abandonaram os balcões. A direção da Infraero em Congonhas não tinha feito ainda uma avaliação dos estragos causados no aeroporto, mas os oficiais falavam em "prejuízos grandes".

Provocar estragos, certamente, não era a intenção da grande maioria de pessoas que foram à avenida Washington Luís dar seu último adeus a Tancredo Neves. Na saída, muitos ainda gritavam palavras constantemente repetidas na campanha que levou à vitória o candidato da Aliança Democrática, como "o povo unido, jamais será vencido". Ou então, frases que ajudaram a derrotar o adversário de Tancredo no Colégio Eleitoral, por exemplo "Um, dois, três, Maluf no xadrez". Segundo uma jovem que acompanhava a manifestação, a lembrança do ex-governador paulista nem era uma provocação política, era "muito mais a frustração pelo presidente que se foi".